

Uma nova formação socioeconômica?

Reflexões filosóficas sobre a “nova economia do projetamento” da China

A new socioeconomic formation?

Philosophical reflections on China’s “new projectment economy”

roland boer*

► DOI: <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2025.172.002>

Depositphotos/@jehoede



Ao fundo, o distrito de Pudong, às margens do rio Huangpu, visto do calçadão Bund, em Xangai, China. Novembro de 2018

RESUMO

Este artigo busca fornecer uma estrutura filosófica mais abrangente para o modelo de “nova economia do projetamento” na China. Desenvolvida por uma equipe de pesquisa composta de economistas políticos e cientistas sociais, a “nova economia do projetamento” oferece uma estrutura teórica inovadora para interpretar a realidade da China. No entanto, é necessária uma análise filosófica mais extensa do que está em jogo. Nesse sentido, o presente artigo é subdividido em duas seções principais. A primeira fornece uma crítica geral acerca da mudança do *antigo projetamento* — como inicialmente proposto pelo economista brasileiro Ignácio Rangel —, bem como os pontos-chave do “novo projetamento” da China. A segunda seção pretende conectar a proposta da equipe de pesquisa com a análise filosófica marxista chinesa, em termos do desenvolvimento da análise de contradições, da reconstrução da história econômica da China desde 1949 e da transformação dialética (*Aufhebung*) tanto do planejamento quanto do mercado na nova era. Destaca-se, por fim, que o próximo passo deve ser um maior envolvimento da equipe de pesquisa do chamado “projetamento” com acadêmicos e formuladores de políticas públicas chineses, pois isso levaria ao progresso mútuo por meio da complementaridade e da diferença.

Palavras-chave: Nova economia do projetamento. China. Pensamento marxista chinês. Análise de contradições. Transformação dialética.

ABSTRACT

This article seeks to provide a more comprehensive philosophical framework for the proposed model of a “new projectment economy” in China. Developed by a research team of political economists and social scientists, the “new projectment economy” offers an innovative theoretical framework to interpret facts on the ground in China. However, what is needed is more extensive philosophical analysis of what is at stake. Thus, the article has two main sections. The first provides a critical overview of the move from the “old projectment” as initially proposed by the Brazilian economist Ignácio Rangel, as well the key points of the “new projectment” in relation to China. The second main section turns to connect the proposal of the research team with Chinese Marxist philosophical analysis, in terms of the development of contradiction analysis, a reconstruction of China’s economic history since 1949, and a proposed dialectical transformation (*Aufhebung*) of both plan and market in the new era. Further engagement by the “projectment” research team with Chinese scholars and policy-makers should be the next step, for this would lead to mutual enrichment through complementarity and difference.

Keywords: New projectment economy. China. Chinese Marxist scholarship. Contradiction analysis. Dialectical transformation.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo oferece reflexões filosóficas acerca da hipótese de que a China está em processo de estabelecimento de uma nova formação socioeconômica, que em seu desenvolvimento mais recente ficou conhecida como “nova economia do projetamento”. Certos termos nessa frase de abertura precisam de explicação adicional. Para início de conversa, a “nova economia do projetamento” é um modelo desenvolvido por uma equipe de pesquisadores para explicar o que eles consideram a fase mais recente de uma formação socioeconômica qualitativamente nova¹, que começou a aflorar na China em 1978. Inicialmente, essa formação foi chamada *economia socialista de mercado*, e continua a ser assim descrita por muitos acadêmicos e estudiosos do desenvolvimento chinês. O conceito de *nova economia do projetamento* é distinto, no sentido de que fornece um modelo para entender a manifestação mais recente dessa formação socioeconômica. A base teórica da “nova economia do projetamento” é o trabalho inicial do filósofo e economista brasileiro Ignácio Rangel, que oferece um novo vocabulário e, de fato, uma nova estrutura teórica para entender evidências decorrentes da prática concreta. Para aqueles pesquisadores, as categorias existentes são inadequadas,

sejam elas advindas da economia política neoclássica, heterodoxa ou mesmo marxista².

Quanto às pre-ocupações filosóficas, há uma série de razões para abordar a temática sob essa ótica. Em primeiro lugar, alguns estudos recentes produzidos pelos pesquisadores do “projetamento” dedicam-se explicitamente a questões filosóficas, especialmente na busca por entender a incapacidade constitutiva dos acadêmicos ocidentais de compreender o “de-

envolvimento chinês” (e global) e por produzir um novo modelo para desvendar o que vem acontecendo na China. Além disso, questões filosóficas estão implícitas em todo o projeto, principalmente porque os próprios estudos de Rangel da década de 1950 foram produto de considerações econômicas e filosóficas. Finalmente, a filosofia — e especialmente a filosofia

¹ Para uma análise detalhada da categoria *formação socioeconômica* e sua relação com o *modo de produção*, ver Gabriele e Jabbour (2022, p. 45-60).

² Exemplos disso são as hipóteses de que a China: está passando por uma prolongada Nova Política Econômica, como a da União Soviética na década de 1920; ainda está no longo estágio de transição de um sistema capitalista para um sistema socialista; ou — numa perspectiva mais rebelde — de que o país instituiu desde 1978 um tipo de “capitalismo de Estado”.



Depositphotos

Gestão da pandemia de covid-19 na China incluiu *lockdowns* severos

marxista — está à frente e no cerne da análise chinesa do desenvolvimento. Nesse ponto, posso indicar por que o projeto inicialmente chamou minha atenção e por que estudei o material com interesse: em trabalhos anteriores, empreendi algumas pesquisas meticulosas sobre o desenvolvimento chinês desde 1978, e o fiz principalmente com base nos resultados de pesquisas em língua chinesa. À medida que minha pesquisa progredia, ficava claro que a filosofia marxista é a 看家本领 *kānjiā-běnlǐng*, a habilidade especial ou recurso para cuidar do lar (China). Isso diz respeito não apenas a especialistas em filosofia, mas também a economistas, sociólogos, formuladores de políticas públicas e agentes econômicos. De fato, uma agenda implícita em todo este estudo é a necessidade de que a equipe de pesquisa engajada na elaboração do conceito de *projetamento* se envolva de maneira mais profunda com pesquisadores chineses³.

Além desta introdução, o presente estudo contém duas seções principais, seguidas de uma conclusão. A próxima seção diz respeito a uma crítica geral dos desenvolvimentos que conduzem do *antigo projetamento*, conforme proposto por Ignácio Rangel, à *nova economia do projetamento*. O detalhamento daquela seção é necessário, pois é importante compreender a proposta da forma mais completa possível. Ao mesmo tempo, procuro extrair as dimensões mais filosóficas com vistas à seção subsequente. Nela, a preocupação é com a análise de contradições, conforme se desenvolveu nos círculos chineses, com o propósito de relacioná-la às propostas dos pesquisadores do “projetamento”. Essa tarefa envolve uma visão geral da história teórica da análise de contradições, sua implementação para explicar o desenvolvimento econômico chinês desde 1949 e, em seguida, uma argumentação de que a integração das duas formas institucionais ou componentes de um sistema socialista, “planejamento” e “mercado”, levou ao que Marx e Engels descreveram como *Aufhebung* (扬弃 *yángqì*) de ambos: a transformação dialética que negou os termos anteriores e os modificou em um nível e para uma forma qualitativamente novos. A conclusão deste artigo enfatiza a importância de um engajamento ativo entre os pesquisadores do conceito do “projetamento” e os acadêmicos e formuladores de políticas públicas chineses, uma vez que tal engajamento seria frutífero⁴.

2. DESENVOLVENDO UM NOVO MODELO TEÓRICO: A NOVA ECONOMIA DO PROJETAMENTO

Nesta seção, o foco será descrever como a proposta de uma “nova economia do projetamento” se originou. Isso envolve expor uma visão geral da proposta inicial de Ignácio Rangel e das ferramentas analíticas adotadas pelos pesquisadores do “projetamento”. Segue-se então uma apresentação do modo pelo qual tais pesquisadores veem os principais avanços econômicos na China desde meados da década de 1990 e especialmente desde 2008, uma vez que estes os levaram a propor o novo modelo. No decorrer da seção, procuro extrair as implicações filosóficas com vistas a uma análise a ser desenvolvida no resto do artigo.

3 Essa “equipe de pesquisa” é composta por economistas políticos e cientistas sociais brasileiros (cujos nomes podem ser encontrados nas referências) e tem uma série de tarefas: fornecer aconselhamento bem fundamentado à presidenta do Novo Banco de Desenvolvimento (Brics Bank), sediado em Xangai; permitir que pesquisadores e formuladores de políticas públicas no Brasil cheguem a uma compreensão científica e devidamente informada do principal parceiro comercial do Brasil e, decerto, global — por meio do Brics11 e do BRI (Belt and Road Initiative, ou Nova Rota da Seda) —, diretamente envolvido nas mudanças qualitativas que estão ocorrendo no mundo hoje, e, finalmente, reverter a decrescente qualidade da análise científica disponível no que resta do Ocidente.

4 Os pesquisadores do “projetamento” também estão envolvidos numa tarefa relacionada, a redefinição do socialismo. Ainda que o tema seja de grande interesse, está além do escopo do presente estudo.

Rangel estava interessado em como os “táticos do desenvolvimento” gerenciam a realidade dos desequilíbrios. Para ser claro, desequilíbrios não devem ser evitados, pois o desenvolvimento ocorre justamente após a introdução de causas de novos desequilíbrios

2.1. PONTO DE PARTIDA: A ANTIGA ECONOMIA DO PROJETAMENTO

A identificação da “nova economia do projetamento” pode ser vista como o resultado de novos dados empíricos que pedem pela elaboração de uma estrutura teórica adequada. Na sintaxe linear das sentenças escritas, é um tanto difícil expressar a natureza dinâmica da interação constante entre teoria e prática: os pesquisadores do “projetamento” argumentam que, dada a construção de uma formação socioeconômica historicamente nova na China, a teoria científica deve ser constantemente renovada para compreendê-la. Ambas (teoria e prática) estão em um processo constante de transformação, e é tarefa dos acadêmicos não apenas produzir teorias novas e adequadas para orientar a ação, mas também levar em conta todo o processo em si⁵.

Ao considerarem os termos, conceitos e categorias existentes inadequados, os pesquisadores envolvidos no estudo do “projetamento” foram atraídos pela proposta inicial de Ignácio Rangel (2005), que chamam de “antigo projetamento”⁶. Os fundamentos empíricos da proposta de Rangel vieram de três desdobramentos pós-Segunda Guerra Mundial: as mudanças qualitativas que surgiram com o planejamento em larga escala na União Soviética desde a década de 1930, o que lhe permitiu não apenas arcar com o fardo mais pesado da derrota imposta à Alemanha nazista mas também se recuperar e dar um salto à frente em inovação científica; o surgimento do keynesianismo na Europa, à medida que o continente buscava a reconstrução do pós-guerra, e o uso do capital financeiro para arcar com projetos e bens públicos de larga escala, tal como no Estado de bem-estar social. Para Rangel, a “economia de projetamento” foi resultado da intersecção desses três vetores.

⁵ Rangel utiliza uma versão única dos conceitos kantianos de fenômeno e nûmeno para falar dessa dinâmica: o desenvolvimento econômico prático se torna o fenômeno, enquanto teorias e categorias para analisá-lo e orientá-lo se tornam o nûmeno. Ambos se desenvolvem em interação um com o outro ao longo do tempo (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 515-516).

⁶ A análise que se segue é baseada em várias fontes com diferentes graus de intersecção e ênfase (Jabbour; Capovilla, 2023a, p. 16; Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 515-518; Jabbour *et al.*, 2023, p. 771-776; Jabbour; Moreira, 2023, p. 556-558).

Vários conceitos-chave inter-relacionados surgem nessa proposta inicial: custo-benefício; razão ou racionalidade no que se refere a emprego e ao processo de mudança de um desequilíbrio para outro, e uma nova definição de utilidade. Podemos conceber as relações entre esses conceitos em termos de uma série de etapas lógicas. Primeiro, custo-benefício: esse é o ponto de partida em Rangel, e ele procurou definir o termo da forma mais precisa possível. Aqui a questão-chave é: benefício “para quem”? Segundo, no processo de definição da relação entre custo e benefício, a razão deve desempenhar um papel crucial. Terceiro, na interação entre razão e custo-benefício, um denominador comum deve ser encontrado: utilidade ou proveito para a sociedade. Assim, riqueza é definida como a “qualidade que as coisas têm de serem úteis para a sociedade”. E chegamos à resposta para a pergunta acima: benefício “para quem”? Finalmente, esses conceitos e suas interconexões são os componentes centrais do planejamento ou da “economia do projetamento”⁷.

Várias questões de natureza dialética surgem dessa síntese. Em termos de razão ou racionalidade, estou mais interessado na questão do desequilíbrio: como os proponentes do “projetamento” apontam, Rangel estava interessado em como os “táticos do desenvolvimento” gerenciam a realidade dos desequilíbrios. Para ser claro, desequilíbrios não devem ser evitados, pois o desenvolvimento ocorre justamente após a introdução de causas de novos desequilíbrios de um tipo especial (Jabbour *et al.* 2023, p. 776). Para os planejadores, a habilidade envolvida em gerenciar o salto de um desequilíbrio para outro não surge facilmente, e aqui a tecnologia desempenha um papel crucial. Embora seja uma das causas de desequilíbrio (a outra é a distribuição de recursos entre as indústrias), a tecnologia também se torna um instrumento racional para o planejamento de saltos entre desequilíbrios: os projetos conduzem a um planejamento por meio de saltos de um desequilíbrio para outro até o momento em que a tecnologia se torna um instrumento fundamental para a atração que a razão pode exercer sobre o processo de produção (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 517; Jabbour *et al.*, 2023, p. 776). Retornarei a esse ponto ao discutir a análise de contradições.

Em termos de utilidade, devemos observar que, enquanto Rangel buscava defender esse conceito das distorções dos economistas neoclássicos, outros aspectos nos interessam mais. Para começar, a utilidade é separada do valor e se torna o objetivo básico de planejamentos e projetos. Essa é outra maneira de falar sobre o valor de uso em contraste com o valor de troca, como podemos ver na maneira como Rangel define utilidade: riqueza é a qualidade que certas coisas têm de serem úteis para a sociedade humana, e a utilidade das coisas é uma relação entre elas e a sociedade ou as pessoas. Elas são úteis quando os seres humanos podem satisfazer suas necessidades por meio delas (Rangel, 2005, p. 267). Segue-se que, com a utilidade como base para cálculos econômicos, o planejamento é realizado de forma consciente e racional com o objetivo de produzir valor de uso para a sociedade como um todo. Mencionamos ainda que os projetos têm o papel de produzir a utilidade na qual a relação custo-benefício é sintetizada na forma da riqueza a ser apreendida socialmente (Jabbour *et al.*, 2023, p. 774).

Além disso, há uma tensão dialética na oposição entre “contabilidade empresarial” e “contabilidade social”. Rangel e os proponentes do “projetamento” enfatizam que a primeira

⁷ Esse parágrafo foi escrito com base na síntese de Jabbour, Dantas e Espíndola (2023, p. 516): as principais características da economia do projetamento dizem respeito ao papel desempenhado pelo planejamento na alocação de fatores e recursos de produção nacionais. Daí o termo *razão* como algo a ser construído na busca de um equilíbrio apropriado entre custos e benefícios por meio da subordinação do projeto às necessidades materiais e espirituais da nação e de toda a população que o projeto afeta.



Painel em praça da cidade de Shenzhen destaca a figura de Deng Xiaoping, líder chinês que comandou o processo de reforma e abertura econômicas na China a partir de 1978. Agosto de 2010.

é caracterizada por retornos de curto prazo para seus acionistas e lucro para a empresa, com pouca preocupação com o benefício social, ao passo que a segunda está preocupada com a necessidade de planejamento de longo prazo e cálculo do benefício para a sociedade — além do benefício para o meio ambiente, devemos acrescentar. Existem duas maneiras de entender essa contradição: uma abordagem enfatiza a necessidade de se afastar da “contabilidade empresarial” para se concentrar na “contabilidade social”. Em um contexto capitalista, em que a “contabilidade empresarial” é dominante, talvez se possa entender essa ênfase, mas ela leva a uma ênfase desequilibrada no valor de uso e na contabilidade social, e à consequente definição unilateral do socialismo em termos de propriedade dos meios de produção. Uma maneira mais dialética de abordar a contradição é encontrar a maneira em que ambos os tipos de contabilidade desempenhem um papel. Aqui, faço apenas um apanhado geral sobre as relações entre planejamento e mercado, e então deixarei essa discussão para depois. No entanto, é importante enfatizar que, no meu entendimento, até mesmo o “antigo projetamento” trilhou um caminho que incorporava ambos os tipos de cálculo.

Em resumo, nesta subseção inicial, procurei apresentar as principais características do “antigo projetamento”, que se originou de três vetores após a Segunda Guerra Mundial e que enfatizou o custo-benefício, a lógica e a utilidade como pedras angulares de um novo tipo de planejamento. Os aspectos dialéticos da proposta de Rangel também foram enfatizados, já que ele era, sob muitos ângulos, filósofo e economista, ou melhor, um economista-filósofo dotado de notável abordagem dialética. Por exemplo, Rangel observava que “o projetamento é, ao mesmo tempo, macro e microeconomia, é teoria e é prática; é apreciação do particular no geral, do concreto no abstrato, e verificação do abstrato no concreto” (Rangel, 2005, p. 362).

Há uma
tensão
dialética na
oposição
entre
“contabilidade
empresarial” e
“contabilidade
social”

2.2. DESENVOLVIMENTOS RECENTES: A “NOVA ECONOMIA DO PROJETAMENTO”

Precisamos ter em mente que esta pesquisa é um trabalho em andamento. Prova disso é que, em artigo publicado em 2021, os termos *socialismo de mercado* e *nova formação socioeconômica* estão em primeiro plano e muito pouco é dito sobre a *nova economia do projetamento*. Em contraste, em material publicado apenas alguns anos depois, a nova economia do projetamento figura como categoria central (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023; Jabbour *et al.*, 2023). No geral, a terminologia é mais precisa nos estudos mais recentes.

Os pesquisadores envolvidos no tema chamam o modelo inicial de “antigo projetamento”, pois foi proposto em uma conjuntura histórica específica. Nesta subseção, procuro resumir o “novo projetamento” no que se refere à China⁸. Seus princípios básicos podem ter

sido fornecidos pelos esforços iniciais de Rangel, mas os fatos hoje em foco são bastante novos e, portanto, exigem uma interseção entre os princípios básicos e as realidades concretas. Embora minha principal preocupação seja com o “novo projetamento”, precisamos ser claros sobre o modo como ele se encaixa no contexto histórico. Para a equipe de pesquisa, os passos iniciais em direção a uma nova [formação] socioeconômica começaram em 1978 com a reforma e a abertura (Jabbour; Dantas, 2017; Jabbour; Dantas; Espíndola, 2021). Indo muito além dos experimentos provisórios na Europa Oriental com o “socialismo de mercado” (Boer, 2023a), a China começou nos primeiros anos após 1978 a desenvolver uma “economia socialista de mercado”⁹. No final da década de 1990 e especialmente após 2008, essa nova formação socioeconômica começou a assumir a forma que os pesquisadores chamam de “nova economia do projetamento”. Em outras palavras, a “nova economia do projetamento” é a manifestação mais recente e clara daquela formação socioeconômica. É nessa fase recente que eu centro as minhas atenções, especialmente no que se refere às principais mudanças institucionais na década de 1990, o 11º Plano Quinquenal, de 2006-2010, os pontos de virada de 2008 e 2019 e as conquistas recentes na redução da pobreza, gestão de pandemias, planejamento urbano e regional, implementação de ferrovias de alta velocidade etc.

⁸ Entre o “antigo” e o “novo”, os pesquisadores do “projetamento” veem o período intermediário como um desvio de rota ou passo para trás. O período em questão corresponde ao projeto neoliberal fracassado e ao Consenso de Washington, de triste memória, que vai do final dos anos 1970 até seu ponto mais crítico, na crise financeira de 2008. Para os pesquisadores, esse período foi um grande revés para a atividade científica, a análise acadêmica e o desenvolvimento humano, levando ao irracionalismo filosófico. Quando os contornos do caminho da China voltaram a ser claros, após 2008, o “projetamento” pôde mais uma vez se tornar foco de análise (Jabbour; Capovilla, 2023a, p. 15). Uma análise histórica alternativa é que todo o projeto neoliberal, com suas várias palavras de ordem, foi um esforço desesperado e fracassado para deter o declínio de longo prazo das economias capitalistas desde o final dos anos 1960. Em 2008, elas estavam estagnadas, e as implicações disso estão se tornando cada vez mais óbvias (Freeman, 2023; Lauesen, 2024; Roberts, 2016).

⁹ A terminologia é muito específica, uma vez que o sistema socialista determina a natureza da forma institucional do mercado (ver adiante).

Começamos pela década de 1990¹⁰. O primeiro passo foi dado com o 9º Plano Quinquenal (1996-2000), que determinou reformas nas empresas estatais (*State-owned enterprises* — SOEs)¹¹. A chave era fazê-las sair do ambiente protegido de uma economia rigidamente planejada para se tornarem viáveis em condições de mercado. Com reformas enfatizando melhorias em eficiência e gestão, fusão ou fechamento de empresas não viáveis, restrições orçamentárias rígidas e inovações disruptivas, os contornos iniciais de um novo tipo de planejamento estavam sendo estabelecidos para que as SOEs pudessem se tornar a espinha dorsal da economia nacional. Esse foi apenas o começo de um processo contínuo destinado a garantir que as SOEs fossem impulsionadoras econômicas essenciais e eficientes, *hubs* de inovação com impactos cada vez mais globais, e que sua influência percorresse as artérias e os vasos do sistema econômico¹².

Uma série de etapas se seguiram relativamente rápido. Em 2003, a Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado (State-Owned Assets Supervision and Administration Commission of the State Council — Sasac) foi estabelecida com a tarefa de gerenciar e continuar as reformas das SOEs industriais à luz dos princípios de uma economia socialista de mercado em prol do bem comum. Não muito depois, o 11º Plano Quinquenal, de 2006-2010, incluiu um projeto para estabelecer um sistema nacional de tecnologia e inovação que incluía SOEs, empresas não públicas, instituições financeiras e centros de pesquisa universitários. Aqui, encontramos não tanto uma forma de planejamento e inovação conduzida pelo Estado (de cima para baixo), mas uma abordagem integrada de toda a sociedade, que surge do caldo de cultura milenar da China. Há quase 20 anos já existiam as bases para inovações profundas em áreas como internet 5G (agora em direção ao 6G), *big data*, inteligência artificial, computação quântica, exploração espacial, indústria aeroespacial e muito mais.

As etapas se sucediam. Na crise financeira de 2008, a China tinha os recursos para alavancar suas SOEs e bancos de desenvolvimento, agora altamente eficientes, lançando um pacote fiscal no valor de 4 bilhões de yuans. Não foi um pacote imprudente, com dinheiro indo para os bolsos daqueles que já tinham mais do que o suficiente. Em vez disso, nessa época já havia a capacidade e habilidade para planejar e coordenar milhares e milhares de projetos ao mesmo tempo e atingir os resultados desejados. Vale mencionar que a ênfase não foi somente na reforma contínua das SOEs¹³, mas também na velocidade e na precisão demonstradas no aproveitamento da tecnologia da informação, especialmente no tocante ao

10 Nesta seção, baseio-me em algumas leituras bastante úteis: Jabbour, Boa Nova e Vadell (2024, p. 7-9); Jabbour e Capovilla (2023a); Jabbour, Dantas e Espíndola (2023, p. 506-514).

11 Essas etapas significativas são encontradas na quarta parte do relatório de trabalho do premiê Li Peng ao Congresso Nacional do Povo, de março de 1996 (Li, 1996). Esse relatório foi precedido pelo 9º Plano Quinquenal, proposto pelo Comitê Central em setembro do ano anterior, com destaque para o parágrafo 26 (CPC Central Committee, 1995).

12 O número de SOEs varia dependendo do critério de contabilização. No início de 2023, havia 131 no total: 98 administradas pela Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado e conhecidas como “empresas centrais” [中央企业 *zhōngyāng qīyè*], 26 administradas pelo Ministério das Finanças, três empresas culturais administradas pelo Escritório de Informação do Estado e quatro empresas funcionais. Cada uma com milhares de subsidiárias.

13 Veja, por exemplo, a importante decisão do Comitê Central, em 2013, sobre o aprofundamento da reforma (CPC Central Committee, 2013, § 7), o guia de 2018 sobre ativos e passivos de empresas estatais emitido pelo Gabinete do Comitê Central e pelo Gabinete do Conselho de Estado, e a reforma das empresas centrais ao longo de três anos, iniciada pela Sasac em 2020 (O gabinete..., 2018; As empresas..., 2023; More..., 2023).

big data e à inteligência artificial¹⁴, e no gerenciamento da pandemia de covid-19, do final de 2019 até o final de 2022 (um desafio muito além da capacidade e habilidade dos países ocidentais). Também vimos a implementação desses novos instrumentos de planejamento para desatar os “últimos nós” em favor da redução da pobreza absoluta até o final de 2020, sob circunstâncias muito difíceis¹⁵. Isso parece ser apenas o começo, especialmente se considerarmos o plano Made in China 2025, lançado em 2015¹⁶, o ambicioso 14º Plano Quinquenal, de 2020-2025 (Jabbour; Moreira, 2023, p. 552-556) e as metas estipuladas para 2035 e 2049.

Claramente, esses avanços relativamente recentes chamaram a atenção da equipe de pesquisa envolvida no conceito de “projetamento”. Por vezes, esses mesmos pesquisadores fornecem estudos de caso específicos, com as estatísticas obrigatórias: o crescimento do número e diversidade de empregos e salários, dado que uma característica central do “antigo projetamento” era o problema de superar o desemprego (Jabbour *et al.*, 2023, p. 778-781); a soberania monetária e o sistema de bancos estatais, que podem emitir crédito e desembolsar fundos com impressionante eficiência e direcionamento (Jabbour *et al.*, 2023, p. 781-784); a implantação de uma infraestrutura abrangente, de estradas por cais costeiros a ferrovias de alta velocidade, estas agora abrangendo uma rede de mais de 40 mil km; um sistema nacional de integração urbana e regional, no qual os quatro principais centros — delta do rio das Pérolas (Grande Área da Baía), delta do rio Yangtze, Grande Chongqing e Pequim-Tianjin-Hebei — estão conectados com centros regionais do país; e o desenvolvimento de novos centros de “modelo socialista”, como Shenzhen e a Nova Área de Xiong’an, que se destacam pelo seu planejamento urbano integrado, desenvolvimento verde, qualidade de vida e novas formas de propriedade socializada (Boa Nova; Jabbour; Cambuhy, 2023, p. 79-89).

Em resumo, esses avanços levados a cabo num período relativamente curto fizeram com que os pesquisadores do “projetamento” retomassem a teoria inicial de Rangel e a reinterpretassem em resposta a dados obtidos em tempo real. Mais de 60 anos após a proposta inicial e à luz das mudanças qualitativas que estão ocorrendo, o modelo obviamente precisa ser revisado e atualizado. Como vimos, a equipe concluiu que a resultante do que vem acontecendo na China desde 1978 é uma nova formação socioeconômica e que sua manifestação mais recente requer um novo modelo e um novo vocabulário. Os pesquisadores também argumentam que esses progressos constituem uma redefinição, à luz da prática concreta, do próprio socialismo, ou, de maneira mais correta, da natureza e direção da via socialista.

3. ANÁLISE DE CONTRADIÇÕES

Até agora, o objetivo deste artigo foi fornecer uma visão geral dos resultados da pesquisa sobre o “projetamento”, sem perder de vista as questões filosóficas a serem abor-

14 Assim como o Estado e as forças produtivas, a ciência e a tecnologia nunca foram vistas com muita suspeita em países sujeitos às privações infligidas pelo imperialismo ocidental. Em vez disso, como enfatizou Losurdo (2008, p. 46-48), estas três sempre foram consideradas chave para o desenvolvimento e saída para a pobreza crônica. Soma-se a isso a identificação — à luz das “quatro modernizações” — da ciência e da tecnologia como forças produtivas em si (Deng, 2008a, p. 86-91). Veja também Jabbour e Capovilla (2023b).

15 Dado esse rápido desenvolvimento, a equipe de pesquisa envolvida no conceito do “projetamento” pode muito bem indicar a concretização das propostas iniciais de Oskar Lange, de uma época bastante diferente, relativas aos cálculos necessários para um planejamento eficiente tendo em vista a inclusão de um “instrumento de mercado” (Jabbour; Moreira, 2023, p. 552; Lange, 1936; 1937). Ver mais em Boer (2023a).

16 Para Jabbour, Dantas e Espíndola (2023, p. 521), se esse plano atingir os seus objetivos, a China provavelmente se tornará a maior potência tecnológica deste século.



Exchange Square, sede da Bolsa de Hong Kong. Abril de 2020

dadas nesta seção. Por exemplo, notei que a abordagem inerentemente dialética de Rangel permite uma conexão com a “análise de contradições”; que o gerenciamento de mudanças de desequilíbrio para desequilíbrio suscita a questão de entendê-las no decorrer dos 75 anos de desenvolvimento econômico na China; e que a contradição entre “contabilidade empresarial” e “contabilidade social” se desdobra na relação entre planejamento e mercado. Nestes e em outros exemplos, as contribuições chinesas podem fornecer diferentes perspectivas. Para saber como isso é possível, precisamos entender a análise de contradições (como desenvolvimento do materialismo dialético) e como ela auxilia na compreensão do desenvolvimento econômico chinês. Essa é a tarefa da seção a seguir, na qual procuro conectar o trabalho dos pesquisadores do “projetamento” com o pensamento marxista chinês.

3.1. UMA VISÃO GERAL SOBRE A ANÁLISE DE CONTRADIÇÕES

A tarefa inicial para entender a relevância da análise de contradições da maneira como ela é feita por acadêmicos e formuladores de políticas públicas chineses passa por considerar sua história: de Marx e Engels, passando por Lênin e o pleno florescimento da filosofia marxista (materialismo dialético) na União Soviética da década de 1930, passando por Mao Zedong e o círculo de estudos em Yan'an em 1935-1937, até a análise de contradições na formulação de políticas públicas dos dias atuais e os avanços da filosofia marxista nas últimas décadas (Boer, 2021b, p. 55-84). No que pode ser um breve sumário, os seguintes pontos são relevantes para a presente análise.

Para Lênin (1985, p. 391), antagonismo e contradição não são a mesma coisa. Sob o socialismo, o primeiro desaparecerá, a segunda permanecerá. Essa distinção inicial é crucial

para entender a tarefa da construção socialista: enquanto o antagonismo — entre classes, entre forças e relações de produção — desaparecerá durante o socialismo, as contradições estarão muito presentes. Em outros escritos de Lênin (1973; 1968) e de filósofos da era soviética que se basearam fortemente em Marx e Engels, as categorias contradições antagônicas e contradições não antagônicas viriam a ser empregadas para analisar a história e a sociedade, bem como para realizar o planejamento¹⁷. A fase importante seguinte ocorreu na Área Vermelha, ao redor de Yan'an, China, em meados da década de 1930. Durante o relativo respiro de 1935-1937, após a Longa Marcha e antes que a Guerra de Resistência Antijaponesa fosse retomada para valer, o círculo em torno de Mao Zedong se lançou ao estudo da filosofia marxista mais madura e bem desenvolvida da época. Isso ocorreu no contexto de numerosas traduções, publicações, palestras e grupos de leitura, muitos dos quais se preocupavam sobretudo em examinar o modo pelo qual a filosofia marxista deveria ser entendida nas condições históricas concretas da China.

Das obras produzidas na época (Mao, 1986; 1991a; 1991b), o que mais nos interessa no momento é o envolvimento de Mao Zedong — documentado em notas e comentários abundantes — com os livros que estudou (Mao, 1988). Desse material, emergem temas relevantes. Primeiro, Mao estava particularmente interessado na universalidade ou abrangência das contradições. Todos os aspectos de uma situação devem ser considerados: começa-se com o todo, e somente dessa forma o problema específico pode ser abordado adequadamente. No entanto, o todo em questão não é de forma alguma unificado, uma vez que envolve múltiplas contradições: os muitos aspectos a serem considerados se relacionam entre si como contradições. Encontramos aqui uma das muitas interseções entre o marxismo e a longa tradição cultural chinesa, que envolve uma realidade histórica em um grande país com longa história, regiões e nacionalidades muito diversas, e o processo revolucionário e de luta contra o imperialismo japonês na época. Essas contradições podem ser entendidas como antagônicas ou não antagônicas (como em Lênin), ou em termos de uma contradição primária e muitas contradições secundárias (como em Mao Zedong). Além disso, as relações entre contradições são um processo dinâmico (Jabbour; Capovilla, 2023b). As contradições não antagônicas podem se tornar antagônicas e vice-versa, a contradição primária muda ao longo do tempo, e a relação entre os aspectos primários e secundários de uma contradição muda dependendo das circunstâncias.

Algumas alusões ilustram como, na visão dos autores, essas formulações aparentemente abstratas davam sentido para o desenvolvimento histórico. A primeira vem da filosofia marxista da era soviética: se no socialismo desenvolvido não houvesse contradições — entre forças produtivas e relações de produção, entre produção e demanda, no desenvolvimento da técnica etc. —, então o desenvolvimento do socialismo seria impossível. Isso significa que somente em virtude das contradições internas da ordem socialista pode haver desenvolvimento de uma fase para outra, de ordem superior (Shirokov; Iankovskii, 1932b, p. 150; 1937, p. 175). A segunda vem da análise de Mao Zedong acerca das contradições sob as primeiras condições do socialismo no poder: a sociedade socialista se torna mais unida e consolidada através do processo incessante de um correto tratamento e resolução das contradições (Mao, 2009, p.

¹⁷ Tudo isso ocorreu no contexto de uma filosofia bem desenvolvida e perspicaz do materialismo dialético e sua aplicação como materialismo histórico. Como amostra de trabalhos da era soviética, cito aqui alguns dos trabalhos estudados por Mao Zedong e seu círculo de estudos em Yan'an (Mitin, 1936; Mitin *et al.*, 1935; Shirokov; Iankovskii, 1932a; 1932b).

213). Se nos lembrarmos da ênfase de Rangel na necessidade de gerir o processo de passagem de um desequilíbrio para outro, então podemos dizer que o autor também pertence à tradição da análise de contradições e talvez seja capaz de propiciar algumas percepções adicionais.

Em segundo lugar, desde o final da década de 1930, a análise de contradições se tornou uma característica crucial da formulação de políticas públicas — o que tem particular relevância para

o foco dos pesquisadores do “projetamento” nos movimentos políticos inovadores desde o final da década de 1990 e especialmente desde 2008¹⁸. Embora Mao Zedong possa ter associado inicialmente, em 1937, a nova contradição primária à mudança da luta contra o Kuomintang para a luta antijaponesa, desde 1949 apenas três contradições primárias foram identificadas. A primeira foi em 1956, a segunda, em 1981 (após a perda de direção durante a “Revolução Cultural”), e a terceira, surgindo 36 anos depois, em 2017: entre o desenvolvimento desbalanceado e inadequado e a expectativa cada vez maior do povo por uma vida melhor [美好生活 *měihǎo shēnghuó*]. Contradições primárias como essas não são produzidas do nada, e exigem análise detalhada e cuidadosa dos muitos aspectos de uma dada situação. Além disso, a contradição primária molda todos os tipos de formulação de políticas, incluindo planejamento de longo prazo, planos quinquenais, novos projetos, adaptação a circunstâncias mutáveis e muito mais. Também devemos observar a data da contradição primária mais recente: ela resulta dos avanços desde 2008 e especialmente da “nova era” iniciada em 2012. Embora a equipe de pesquisa envolvida no conceito de *projetamento* saliente a importância da contradição primária mais recente (Boa Nova; Jabbour; Cambuhy, 2023, p. 72), meu propósito aqui é fornecer uma estrutura teórica para entender como a China chegou a esse ponto.

Em terceiro lugar, uma ênfase distinta, oriunda das incursões iniciais dos filósofos da era soviética na questão da mudança qualitativa, foi bastante desenvolvida por Mao Zedong: o automovimento da mudança qualitativa e as diferenças qualitativas entre distintos processos e suas contradições internas. Em outras palavras, as causas das mudanças qualitativas devem ser encontradas internamente a um processo, que apresenta suas próprias contradições. Mao não nega nem o papel das causas externas nem a dialética interno-externo, mas enfatiza que é a causa interna, e não a externa, que determina a necessidade de mudança

As contradições não antagônicas podem se tornar antagônicas e vice-versa, a contradição primária muda ao longo do tempo, e a relação entre os aspectos primários e secundários de uma contradição muda dependendo das circunstâncias

¹⁸ Para um estudo detalhado das principais contradições desde a época de Mao Zedong até hoje, veja Jin (2017).

A sociedade socialista se torna mais unida e consolidada através do processo incessante de um correto tratamento e resolução das contradições

das coisas (Mao, 1988, p. 201). Além disso, para ele, é somente em função dos atributos intrínsecos de cada estágio que a natureza de um processo se desenvolve (Mao, 1988, p. 49)¹⁹. Embora esse aspecto da análise da contradição viesse a identificar os fundamentos filosóficos das características chinesas, além das condições específicas e a realidade concreta do marxismo na China (Mao, 1991, p. 658-659), no presente artigo meu foco são as implicações para a proposta da “nova economia do projetamento”. Essas implicações ficarão claras na seção 3.3.

Nesta seção, procurei ressaltar que a análise de contradições pressupõe que se lide com todos os aspectos de uma situação²⁰, e que processos sofrem transformação dialética constante. Assim, também dei atenção à formulação de políticas públicas considerando o papel determinante que uma contradição primária desempenha. Esses pontos levam à próxima seção, sobre a história do desenvolvimento econômico na China. Aqui também

enfatizei a natureza interna da mudança qualitativa, que virá à tona na seção que se segue e diz respeito à transformação dialética do planejamento e do mercado em uma nova forma.

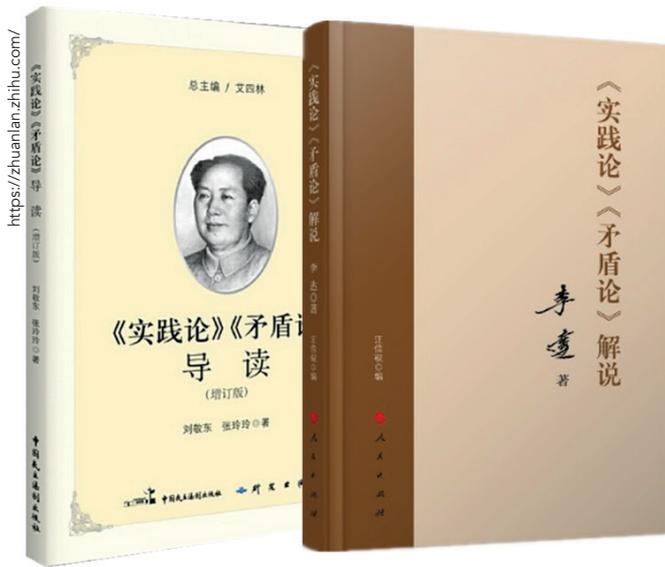
3.2. FILOSOFIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nesta seção, a preocupação é entender o desenvolvimento econômico da China desde 1949 em termos da análise de contradições. Aqui, busco uma conexão explícita com a ênfase de Rangel na necessidade de gerenciar o processo de desequilíbrios ou o que também é conhecido como “destruição criativa”, a necessidade constante de passar por contradições na construção socialista e no que os pesquisadores do “projetamento” descrevem como um “processo constante de reformas sistêmicas” para enfrentar novas contradições, sem precedentes, para a constituição de um novo tipo de poder político (Jabbour; Capovilla, 2023a, p. 19; ver também Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 506-507, 520-521).

Mais especificamente, a base metodológica para o que se segue vem de Marx e Engels, segundo os quais o proletariado usará sua supremacia política para tomar, gradualmente, todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção [*Produktionsinstrumente*] nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o total das forças produtivas [*Produktionskräfte*] o mais

¹⁹ No ensaio “Sobre a contradição”, esse ponto viria a ser expresso como a particularidade das contradições (Mao, 1991b, p. 308-20), que enfatiza as condições distintivas em países com longa história cultural.

²⁰ Nessa perspectiva, a equipe de pesquisa do “projetamento” deveria reavaliar a tendência de considerar que o desenvolvimento chinês é conduzido primordialmente pelo Estado, mais especificamente pelo PCCh — os dois não são a mesma coisa (Boer, 2023b, p. 182-183). Em vez disso, o processo é multifacetado e assume um caráter de “toda a sociedade”. São raras as ocasiões em que se menciona a natureza abrangente e integrada da modernização da China (Jabbour *et al.*, 2023, p. 778; Lo, 2020).



Edição chinesa em dois volumes dos textos “Sobre a prática” e “Sobre a contradição”, de Mao Zedong. Os textos refletem a interpretação do marxismo-leninismo desenvolvida por Mao na cidade de Yan’an após a Grande Marcha e têm origem em uma série de conferências dada por ele no Instituto Político e Militar Antijaponês, do Partido Comunista da China

rápido possível (Marx; Engels, 1974, p. 481; 1976, p. 504). Para dar aos pesquisadores do “projetamento” o devido crédito, eles analisam de forma dialética a relação das duas partes²¹ da mal compreendida frase acima — propriedade dos meios de produção e liberação das forças produtivas (Boa Nova; Jabbour; Cambuhy, 2023, p. 71; Jabbour; Boa Nova; Vadell, 2024, p. 10; Jabbour; Capovilla, 2023b)²². Por vezes esses dois aspectos operam juntos, e outras vezes estão em tensionamento um com o outro, exigindo a reforma daquele que evoluiu mais lentamente. Essa interação dialética fornece uma estrutura para interpretar a história do desenvolvimento econômico na China (Boer, 2021a).

Podemos identificar três estágios principais de tal desenvolvimento: de 1949 a 1978, de 1978 a 2012 e de 2012 até o presente. O primeiro estágio teve início com a libertação, em 1949, e debruçou-se sobre transformações dramáticas na propriedade dos meios de produção, a fim de se liberarem as forças produtivas. O modelo seguido foi o da União Soviética pós-1917: a maneira de superar a contradição do capitalismo entre o trabalho socializado e a propriedade privada dos meios de produção foi a socialização destes últimos. Historicamente, esse movimento foi aplicado com sucesso no estágio inicial da construção socialista: a abolição da propriedade privada dos burgueses e latifundiários, a industrialização sob condições econômicas cronicamente subdesenvolvidas, a coletivização agrícola e uma economia centralmente planejada. O resultado foi o “primeiro milagre econômico”, em razão do qual a China deixou de ser um dos países mais pobres do mundo para alcançar um desenvolvi-

21 O entendimento mais desequilibrado é aquele que foca a propriedade dos meios de produção e ignora o aumento das forças produtivas. Além disso, uma abordagem não dialética consiste em julgar tal propriedade como a causa da liberação das forças produtivas.

22 A equipe envolvida no “projetamento” também faz um adendo perspicaz, segundo o qual o “pouco a pouco” da política e o incremento “mais rápido possível” das forças produtivas são as inscrições lógicas das mediações dialéticas necessárias para a construção do socialismo (Jabbour; Capovilla, 2023b).

mento econômico significativo; um aumento da população e da expectativa de vida; melhorias na ciência e tecnologia; o fortalecimento das bases de um sistema econômico industrial e nacional independente; melhorias na educação, cultura e saúde, e o ressurgimento do país no cenário internacional, especialmente nas relações com os países em desenvolvimento (Cheng; Cao, 2019, p. 6-8; Jabbour; Boa Nova; Vadell, 2024, p. 5-6).

O segundo estágio, de 1978 a 2012, é quando o processo de gerenciamento das contradições da construção socialista chega ao auge. As relações de produção, com suas numerosas propriedades públicas e altas taxas de coletivização, juntamente com o planejamento central de estilo soviético, atingiram um ponto-limite quanto à liberação das forças produtivas (Boer, 2023c, p. 375-76). Apesar de todos os avanços, a pobreza ainda era endêmica, e as contradições de classe não antagônicas tornaram-se luta antagônica no final da década de 1960. O desenvolvimento econômico estava estagnado e soluções criativas eram necessárias. A solução para liberar as forças produtivas foi a reforma e abertura. Como Deng Xiaoping (2008b, p. 310-311) apontou, o desenvolvimento das forças produtivas é a revolução fundamental do ponto de vista do desenvolvimento histórico. Para Deng, um “socialismo pobre” não é socialismo, já que este deve desenvolver as forças produtivas, aumentar a força do país e melhorar a vida das pessoas. Para invocar o ponto anterior, sobre a dinâmica da mudança qualitativa interna a um processo, a política de reforma e abertura foi uma resposta às contradições internas. Esse período assistiu à difícil tarefa de combinar planejamento e formas institucionais de mercado no âmbito de um sistema socialista, de propriedades públicas e não públicas e de grandes incentivos para “liberar o pensamento” e a busca por soluções criativas e inovadoras para problemas. Não deveria ser surpresa que a equipe de pesquisa envolvida no conceito de *projetamento* tenha focado grande parte de sua atenção nesse período, inicialmente a partir de 1978 e especialmente a partir de meados da década de 1990. A equipe, juntamente com outros acadêmicos, observou as conquistas significativas da reforma e abertura: ao se deslocar para o centro do cenário mundial, a China contribuiu sobremaneira para a economia global, pois conta com a única cadeia industrial completa, a maior produção industrial e as mais altas reservas monetárias do planeta (Jabbour *et al.*, 2023, p. 781-784). Além disso, o país desenvolveu o maior mercado interno, continuou o longo processo de melhoria de seus sistemas de educação, saúde e bem-estar, e viu Hong Kong e Macau retornarem (Cheng, 2018, p. 2-3).

O terceiro estágio é conhecido como “nova era”, e hoje se considera que tenha tido início em 2012. No entanto, como no estágio anterior, seus problemas começaram um pouco antes. Já na década de 1990, a reforma e a abertura estavam começando a revelar uma série de novas contradições, que podem ser atribuídas a uma ênfase excessiva na liberação de forças produtivas. Em meio ao sucesso econômico da China, problemas amplamente estudados tornaram-se evidentes nos “selvagens anos 1990”, desde a insegurança do trabalho, o crescente contraste entre ricos e pobres e a degradação ambiental até o profundo distanciamento entre o PCCh e as pessoas comuns e a desorientação ideológica sobre o futuro da China (Boer, 2021b, p. 93-97). Essas contradições continuaram na primeira década do século seguinte e não seriam abordadas sistematicamente até a “nova era”, em 2012.

Sobre esse assunto, encontramos uma característica do desenvolvimento desigual ou — citando Bloch (1991, p. 104-117) — da “contemporaneidade da não contemporaneidade” (ver também: Jabbour; Dantas; Espíndola, 2021, p. 24). Como vimos anteriormente, o 9º Plano Quinquenal, de 1996-2000, já havia instigado a primeira de uma série de reformas

das SOEs que lançariam as bases para a nova era. É verdade que a periodização que propus pode ser questionada por ser um pouco rígida demais. Refiro-me aqui a uma implicação da ênfase da equipe de pesquisa do “projetamento” na resposta significativa e inovadora da China à crise financeira global de 2008: pode-se dizer que a nova era começa já naquele ano. No entanto, é nos anos seguintes a 2012 que começamos a ver a clara implantação da análise de contradições: diante das crescentes contradições da reforma e abertura, a resposta não foi voltar no tempo para antes de 1978, mas interpretar as contradições como incidentais em vez de sistêmicas e aprofundar a reforma (CPC Central Committee, 2013). Como resultado, a nova era viu as SOEs se tornarem centros eficientes de inovação, com um papel renovado como espinha dorsal da economia (contribuindo para mais de 50% do desempenho econômico total da China). Outros resultados foram bem documentados: um total de 800 milhões de pessoas foram tiradas da pobreza absoluta, com quase 500 milhões situando-se na faixa de “renda média”; um sistema de bem-estar continua a ser melhorado para atender a 1,4 bilhão de pessoas; o fosso entre ricos e pobres parou de aumentar e agora está diminuindo; o Estado de direito socialista e o sistema democrático foram notavelmente fortalecidos; grandes passos foram dados em direção a uma civilização ecológica; e os resultados da retificação e reforma completas de um PCCh de 96 milhões de pessoas são cada vez mais ostensivos.

Dado o exposto, dificilmente se esperaria que esta fase mais recente assegurasse a resolução final das contradições, pois elas são inerentes ao processo e outras inevitavelmente surgirão. Mas estamos, no momento em que escrevo, num estágio relativamente incipiente desta terceira fase. Muitas são as formulações a respeito dela (Cheng; Cao, 2019, p. 6), mas creio que agora podemos adicionar-lhes o conceito de *nova economia do projetamento* e que os acadêmicos chineses devem se envolver com essa pesquisa. De fato, o propósito do esquema aqui proposto foi fornecer uma estrutura histórica mais ampla acompanhada de uma análise teórica mais profunda, com base nas pesquisas chinesas, para contribuir com as propostas da equipe envolvida no conceito de *projetamento*.

Uma questão permanece: o que há de “novo” na “nova economia do projetamento”? Aqui digo *novo* não em relação ao “antigo projetamento” de Rangel, mas quanto ao futuro da China.

3.3. O *AUFHEBUNG* DO PLANEJAMENTO E MERCADO

O propósito desta seção é mostrar como os debates chineses abrem uma perspectiva distinta sobre a novidade presente na “nova economia do projetamento”. Esses debates foram particularmente notáveis nos anos 1990, que foram ao mesmo tempo os “selvagens anos

Para Deng, um “socialismo pobre” não é socialismo, já que este deve desenvolver as forças produtivas, aumentar a força do país e melhorar a vida das pessoas

1990” e um período que testemunhou os primeiros movimentos, especialmente com o 9º Plano Quinquenal, de 1996-2000, em direção ao que vemos hoje. Os debates giraram em torno do entendimento da relação entre planejamento e mercado — assumindo-se aqui como ponto pacífico que uma “economia de mercado” não deve ser associada exclusivamente à ideia de *economia de mercado capitalista*²³. Para os estudiosos chineses, o planejamento e o mercado são componentes estruturais ou formas institucionais (体制 *tìzhì* ou 体系 *tǐxì*)²⁴ de um sistema abrangente (制度 *zhìdù*) que molda a natureza dos componentes²⁵. Como afirma a influente pesquisa de Huang (1994, p. 5), não existe forma institucional de economia de mercado que seja independente do sistema econômico básico da sociedade²⁶.

No debate sobre as relações entre planejamento e mercado, distinguem-se duas abordagens principais: a que busca um equilíbrio não antagônico entre eles e a que identifica um *Aufhebung* de ambos (esse termo será esclarecido mais à frente). A busca pelo equilíbrio pressupõe uma combinação flexível entre planejamento e mercado (Liao, 2008; Gu, 2019). Algumas propostas anteriores distinguem entre micro e macrogestão, sendo o mercado a base e o macrocontrole nacional o guia (Peng, 1994, p. 14). Para Yang Jinhai, planejamento e mercado significam respectivamente justiça e eficiência, que são como as duas rodas de um carro de boi ou as duas asas de um pássaro (Yang, 2009, p. 175) e precisam funcionar nos termos da unidade de contradições. Para Yang, manter a contradição não antagônica entre justiça e eficiência é uma tarefa contínua (Zhou, 2017, p. 29). Em última análise, a preocupação desses estudos é buscar um equilíbrio ou meio-termo entre planejamento e mercado.

De maior interesse são os estudos que levam a questão mais adiante, baseando-se no argumento de que, para implementar um componente de mercado, devem-se implementar também suas principais facetas (普遍性 *pǔbiànxìng*), especialmente a lei do valor²⁷ e restrições orçamentárias rígidas acerca de entrada e saída e oferta e demanda (Zhang; Zhuang, 1994, p. 5)²⁸. Podemos descrever esse processo como um tensionamento total da contradição

23 Essa equação enganosa foi inicialmente proposta pelo padrinho do neoliberalismo, o conde Ludwig von Mises (1932, p. 142), para quem as alternativas se limitavam a socialismo ou economia de mercado. O engano está na categorização, pois se assume que o socialismo implica uma economia planejada com propriedade socializada, e o capitalismo, uma economia de mercado com propriedade privada. À sua maneira, a equipe de pesquisa do “projetamento” também nota essa questão (Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 526).

24 Para traduzir 体制 *tìzhì* ou 体系 *tǐxì* como “forma institucional”, usei a terminologia da teoria da regulação (Boyer; Saillard, 2002). A forma institucional é um dentre vários ingredientes ou componentes específicos de um sistema maior.

25 Ao longo da história, houve uma série de economias de mercado qualitativamente distintas, como a antiga economia de mercado militar persa, a economia de mercado escravista greco-romana e a economia de mercado feudal da China, bem como a economia de mercado capitalista.

26 Heilmann (2018) também reconhece que na China o planejamento nunca foi abandonado.

27 Nesse ponto, o leitor pode ficar intrigado com a ênfase da equipe de pesquisa do “projetamento” na substituição da produção de valor de troca pela produção de valor de uso para a sociedade. Aqui, observo que Cheng Enfu e outros buscaram retrabalhar o princípio básico do marxismo referente à teoria do valor-trabalho em favor de uma nova proposta de criação de valor pelo trabalho humano vivo [新的活劳动创造价值假设]. Isso, por sua vez, leva à necessidade de aumentar o “valor social total” [社会价值总量] com vista a um “produto interno bruto de bem-estar” [国内生产福利总值] (Cheng, 2007; Cheng; Wang; Zhu, 2019; ver também Boer, 2023c). Reunir todos os fatores da economia, natureza e sociedade nos daria um abrangente “produto bruto final de bem-estar” [最终福利总值] (Cheng, 2020, p. 101; Cheng; Cao, 2009). A pergunta a ser feita aqui é se isso é simplesmente a elevação do valor de uso ou a integração dialética dos valores de uso e de troca à estrutura de uma teoria marxista do valor-trabalho em um contexto socialista.

28 Estudos sobre as experiências de “socialismo de mercado” realizadas em países socialistas da Europa Oriental observaram uma relutância em aceitar tais facetas (Wang, 1995; Yu, 2011).



Coletiva de imprensa com integrantes da Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado para prestar informações à mídia chinesa sobre a promoção do “desenvolvimento de alta qualidade”. Pequim, julho de 2024

entre planejamento e mercado para alcançar a transformação de ambos. Em um documento crucial do Comitê Central do PCCh, de 2013, essa ênfase vem à tona. O componente econômico de mercado no sistema socialista não mais desempenharia um “papel básico” [基础性作用 *jīchǔxìng zuòyòng*], mas um “papel decisivo” [决定性作用 *juédìngxìng zuòyòng*] na alocação de recursos (CPC Central Committee, 2013, § 2). Dado que o mercado é uma “forma institucional” [体制 *tǐzhì*] no “sistema econômico básico” [基本经济制度 *jīběn jīngjì zhìdù*], o texto descreve como o planejamento atingiria um nível qualitativamente mais alto (CPC Central Committee, 2013, § 9-13). Em outras palavras, o planejamento funcionaria com a economia de mercado e por meio dela, enquanto a economia de mercado transformaria o planejamento. Como observa Li (2018, p. 23), a “unidade orgânica” dos dois garante pleno aproveitamento das vantagens do socialismo e da economia de mercado.

Agora é possível compreender como o argumento da transformação dialética tanto do planejamento quanto do mercado chega a uma conclusão. A esse respeito, gostaria de mencionar dois estudos. Conforme o mais recente, a prática da China provou que a combinação de economia de mercado e socialismo é uma nova forma de explorar a prática socialista, que supera as desvantagens de uma economia planejada tradicional e de uma economia de mercado capitalista, e que realiza uma transcendência dupla [双重超越 *shuāngchóng chāoyuè*] (Zhou; Wang, 2019, p. 41; Li, 2018, p. 23). Estudo um pouco anterior, que aborda em grande mesmo o mesmo tema, embora com um refinamento, afirma que a nova forma da prática socialista na China compreende uma dupla *sublation*²⁹ [双重扬弃 *shuāngchóng yángqì*] e transcendência [超越 *chāoyuè*] de uma economia planejada tradicional e uma economia de mercado (Zhang, 2009, p. 139)³⁰. O refinamento aqui é o uso de 扬弃 *yángqì*, que

²⁹ N.T.: o mesmo que *Aufhebung*.

³⁰ Na década de 1990, descobrimos que a *Aufhebung* ou 扬弃 *yángqì* em questão estava restrita à economia planejada tradicional (Ding, 1996).

indica mais claramente a perspectiva tipicamente marxista da proposta, uma vez que essa palavra é a tradução filosófica do alemão *Aufhebung*. Essa é, naturalmente, uma operação metodológica fundamental que Marx e Engels tomaram emprestada de Hegel sem abrir mão de suas bases materialistas: ela implica a transformação completa de uma contradição inicial para negá-la e levá-la a um nível qualitativamente novo³¹. Eu acrescentaria que 扬弃 *yángqǐ* expande o campo semântico de *Aufhebung* para incluir o descarte das impurezas e a absorção da essência. Parece que os estudos chineses têm indicado há algum tempo uma estrutura filosófica que pode contribuir para a proposta de uma “nova economia do projetamento”. Por outro lado, as várias minúcias empíricas desta última também podem contribuir para as considerações filosóficas do material que apresentei.

Encerro esta seção com dois exemplos que ilustram concretamente a transformação dialética em andamento. O primeiro diz respeito ao processo de retificação e reforma (整改 *zhěngǎi*) de empresas. Em 2020, um incidente em particular teve ampla repercussão: em novembro daquele ano, o Ant Financial Services Group declarou que suspenderia sua enorme oferta pública inicial na Bolsa de Valores de Hong Kong³². Por quê? O Ant Group já estava nos estágios iniciais do que se tornaria um processo completo de retificação e reforma. Embora a empresa não estivesse tecnicamente violando nenhuma lei, a avaliação era de que ela vinha, havia algum tempo, forçando os limites das regulamentações governamentais e falhando em termos de responsabilidade ética e social. Como os pesquisadores do “projetamento” diriam — seguindo Rangel —, o Ant Group estava muito focado na “contabilidade empresarial” e falhava na “contabilidade social”. Esse não foi de forma alguma um incidente isolado, pois o Ant Group foi uma das mais notáveis empresas³³ — devido ao seu tamanho e alcance — atingidas por um processo iniciado no começo daquele mesmo ano. Em março de 2020, a Suprema Procuradoria Popular deu início à supervisão das reformas de *compliance*. No início de 2021, foi promulgado um plano geral que incluía um projeto-piloto daquelas reformas, com atualizações subsequentes (Chen, 2023a; 2023b; Gao, 2023). Notavelmente, o processo englobava inspeções detalhadas, revisão de leis e sessões de treinamento para todas as partes envolvidas. A equipe de supervisão incluía os principais especialistas jurídicos, juízes, advogados e o diretor da Sasac da China. É claro que esse é um projeto abrangente e coordenado, perpassando todos os tipos de empresas — estatais e não públicas — a fim de reformar e atualizar práticas e, de fato, melhorar a confiança pública, com uma ênfase notável na ética e na responsabilidade social. À primeira vista, pode parecer que a Suprema Procuradoria Popular estava simplesmente fazendo seu trabalho e exercendo a devida supervisão das empresas. Contudo, se formos mais fundo na questão, revela-se claramente não apenas quem está definindo a agenda, mas também que a “contabilidade social” não é meramente tarefa dos tomadores de decisão governamentais. As empresas devem, ao mesmo tempo, garantir tanto o resultado final quanto a “contabilidade social”. Ou, para recorrer aos termos usados anteriormente: a contabilidade social precisa ser aprimorada por meio da contabilidade da empresa e vice-versa, de modo que busque uma transformação de ambas.

31 Isso também é afirmado pela terceira lei da dialética: a negação da negação (Fang, 2014, p. 63).

32 O Ant Group já havia lançado uma oferta pública inicial na bolsa de valores de Xangai no início do ano, mas a iniciativa foi interrompida em novembro. Muitos são os estudos sobre as implicações da reforma após o incidente do Ant Group. Para uma descrição do que aconteceu e o porquê, veja Cai e Guo (2021).

33 O conglomerado imobiliário Evergrande foi outro foco inicial de retificação e reforma.

Uma “economia de mercado” não deve ser associada exclusivamente à ideia *de economia de mercado capitalista*. Para os estudiosos chineses, o planejamento e o mercado são componentes estruturais ou formas institucionais (体制 *tǐzhì* ou 体系 *tǐxì*) de um sistema abrangente (制度 *zhìdù*) que molda a natureza dos componentes

O segundo exemplo diz respeito à reforma das estruturas do PCCh e seu funcionamento, especialmente nas bases (Boer, 2023b, p. 245-270). Esse processo abrangente está em andamento há uma década e diz respeito a todos os níveis, com particular foco nos dez tipos de ramificação de base do partido e na preocupação com a qualidade do secretariado de cada ramificação, a elevação do nível ideológico dos membros, o fortalecimento das práticas de responsabilidade democrática e o envolvimento mais amplo com organizações de massa e membros não partidários. De particular interesse aqui são as ramificações em empresas não públicas (das quais existem muitos tipos). No passado, supunha-se que a gestão empresarial lidaria com questões relacionadas à empresa, enquanto as sucursais do PCCh lidariam com questões do partido. A mudança notável tem sido o envolvimento mais profundo do executivo de cada ramificação do partido e dos membros do comitê regional na política empresarial na tomada de decisões. O alcance desse envolvimento vem aumentando enormemente, e os temas discutidos envolvem a aplicação das normas do Estado democrático de direito ao local de trabalho, a garantia de trabalho democrático no chão de fábrica para todos os trabalhadores e funcionários, a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores e a preservação da saúde econômica da empresa. Claro, isso levanta novas contradições, pois os membros do partido também precisam evitar assumir papéis meramente gerenciais. No entanto, a questão aqui é qual efeito o envolvimento mais profundo dos membros do partido em empresas não públicas tem sobre a natureza delas. É cada vez mais difícil usar o vago termo *privado*, e certamente não se trata de um retrocesso em direção a formas anteriores de propriedade pública. Em vez disso, o que vemos emergir é uma mudança para uma nova forma de propriedade, que vai além da oposição inicial entre “público” e “não público”. Talvez a atitude dos líderes empresariais possa indicar o que está em jogo sob essa nova forma de propriedade. Como observa He (2020), a prática mostra que, quando a construção do partido é sólida, também o são as forças produtivas e motivadoras, e quando ela é forte, também o são a competitividade e a criatividade.

Em suma, nesta seção eu forneci: um esboço da análise de contradições, com ênfase nas características da equipe de pesquisa envolvida no “projetamento”; um relato da história econômica da China desde 1949 à luz da análise de contradições e da ênfase

na gestão das transições entre desequilíbrios; e uma perspectiva marxista chinesa sobre a “nova economia do projetamento” em termos da dialética do *Aufhebung* (扬弃 *yángqǐ*) entre planejamento e mercado. Este último ponto incluiu dois exemplos concretos: a retificação e reforma de todos os tipos de empresas e os avanços na construção do partido, que podem ser observados ante a emergência de uma nova forma de propriedade.

4. CONCLUSÃO: A NECESSIDADE DE UM ENGAJAMENTO MÚTUO

Para concluir, não farei um apanhado geral, pois o leitor pode consultar o resumo ou a introdução para esse propósito. Em vez disso, alguns apontamentos finais são importantes.

Para começar, a equipe de pesquisa envolvida no conceito do “projetamento” sugere que o desenvolvimento da China constitui uma “nova economia do projetamento”, isto é, o desenvolvimento mais recente de uma nova forma socioeconômica que surgiu após 1978 (Jabbour; Capovilla, 2023b, p. 19; 2023a, p. 19; Jabbour; Dantas; Espíndola, 2023, p. 504, 509-10; Jabbour *et al.*, 2023, p. 20). Junto com a tarefa de refinar a própria definição de socialismo, esse é o cerne do projeto que levou os membros da equipe, à luz de uma imensa quantidade de pesquisas empíricas, a buscar um novo modelo e uma nova gramática cognitiva. Eles chegam ao ponto de perguntar se não estaria a China salvando o marxismo das armadilhas de um pensamento social ocidental em rápida decadência (Jabbour; Capovilla 2023b).

Além disso, até onde sei, tem havido relativamente pouco envolvimento ativo entre pesquisadores do “projetamento” e acadêmicos e formuladores de políticas públicas chineses. Embora a equipe cite pesquisas de acadêmicos chineses, a maioria dessas referências está em inglês, e pouca coisa relacionada à equipe do “projetamento” foi publicada em pesquisas em língua chinesa³⁴. Nesse sentido, seria um grande benefício se a equipe de pesquisa do “projetamento” se envolvesse mais com a escola de pensamento chinesa sobre essas questões e que acadêmicos e formuladores de políticas públicas chineses se envolvessem com pesquisas sobre a “nova economia do projetamento”. Embora esta não faça parte atualmente do vocabulário de acadêmicos chineses, tem o potencial de fornecer uma dimensão adicional — em termos de filosofia e economia política — aos instrumentos com os quais tais acadêmicos vêm tratando a modernização e o desenvolvimento chineses, e, de fato, ela pode fornecer algumas ferramentas adicionais para futuras pesquisas e para a formulação de políticas públicas. O resultado implicaria complementaridade e diferença: um terreno comum na busca de modelos para novos avanços na China, ainda que de perspectivas distintas, devido à maneira como tais assuntos são analisados por acadêmicos chineses e pela equipe de pesquisa do “projetamento”. Por essas razões, encorajo a equipe do “projetamento” e os acadêmicos chineses interessados a se envolverem ativamente uns com os outros.

³⁴ A primeira é uma tradução de um artigo de 2017 e a segunda é uma entrevista com Jabbour (Jabbour e Dantas, 2019; He, 2020).

* Australiano, professor na Escola de Filosofia da Universidade Renmin da China, em Pequim. Nos últimos anos, sua pesquisa se concentra nos aspectos filosóficos da construção socialista, com interesse particular na filosofia política marxista e nas dimensões filosóficas da economia política. Suas publicações mais recentes incluem *Socialism with Chinese characteristics: a guide for foreigners* (2021), *Friedrich Engels and the foundations of socialist governance* (2021) e *Socialism in power: on the history and theory of socialist governance* (2023). Seu atual projeto de pesquisa diz respeito à história da filosofia marxista na China de 1978 até o presente.

A versão original em inglês deste texto, publicada em 2024 no periódico *World Marxist Review* (vol. 1, nº 1, p. 77-98), está disponível em: <<https://dx.doi.org/10.62834/rdgm2d20>>.

Tradução gentilmente realizada pelo prof. Cristhiano Duarte (UFBA/Brasil e Chapman University/EUA), membro do Conselho Editorial de Princípios. Revisão de Ramiro Torres e Fábio Palácio.

► Texto recebido em 24 de outubro de 2024; aprovado em 15 de novembro de 2024.

AS EMPRESAS estão operando de forma estável e fazendo progressos, prontas para uma nova onda de reformas. [Em chinês.] **Agência de Notícias Xinhua**, 18 jan. 2023. Disponível em: <www.gov.cn/xinwen/2023-01/18/content_5737661.htm>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BLOCH, Ernst. **Heritage of our times**. Translated by Neville Plaice and Stephen Plaice. London: Polity, 1991.

BOA NOVA, Vítor; JABBOUR, Elias; CAMBUHY, Melissa. A nova economia do projeto como estágio superior de intervenção do estado chinês no território. **Geosul**, v. 38, n. 87, p. 69-83, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2177-5230.2023.e91766>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BOER, Roland. From Belgrade to Beijing: comparing socialist economic reforms in Eastern Europe and China. **World Review of Political Economy**, v. 12, n. 3, p. 296-320, 2021a. Disponível em: <<https://doi.org/10.13169/worldreviewpoliecon.12.3.0296>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

_____. Socialism and the market: returning to the East European debate. **New Political Economy**, v. 28, n. 1, p. 1-12, 2023a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13563467.2021.1926958>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

_____. **Socialism in power**: on the history and theory of socialist governance. Singapore: Springer, 2023b.

_____. **Socialism with Chinese characteristics**: a guide for foreigners. Singapore: Springer, 2021b.

_____. The philosophical economist: the contribution of Cheng Enfu. In: FOSTER, John Bellamy et al. **Innovative Marxist school in China**: comments by international scholars on Cheng Enfu's academic thoughts. Berlin: Canut, 2023c. p. 367-390.

BOYER, Robert; SAILLARD Yves (Ed.). **Régulation theory**: the state of the art. London: Routledge, 2002.

CAI, Jun; GUO, Mei. The problem of business ethics in the Ant Group incident. [In Chinese.] **Modern Business**, v. 15, p. 10-12, 2021.

CHEN, Ruihua. The principle of proportionality in enterprise compliance rectification and reform. [In Chinese.] **Journal of Comparative Law**, v. 1, p. 49-69, 2023a.

_____. The specialised compliance plan for enterprise compliance rectification and reform. [In Chinese.] **Tribune of Political Science and Law**, v. 1, p. 28-44, 2023b.

CHENG Enfu. Four theoretical assumptions of modern Marxist political economy. [In Chinese.] **Social Sciences in China**, v. 1, p. 16-29, 2007.

_____. Ten Marxist views formed during an academic career. [In Chinese.] **Studies on theories of Mao Zedong and Deng Xiaoping**, v. 5, p. 97-107, 2020.

_____. The great achievements of Marxism and theory of signification on Xi Jinping's theory of socialist economy with Chinese characteristics for a new era. [In Chinese.] **Southeast Academic Research**, v. 5, p. 1-8, 2018.

CHENG Enfu; CAO, Lei. The new China's 70 year economic construction has seen a comprehensive and continuous trend towards prosperity and strength. [In Chinese.] **Contemporary Economic Research**, v. 9, p. 5-13, 2019.

CHENG, Enfu; CAO, Licun. How to construct a gross domestic welfare product system. [In Chinese.] **Economic Review Journal**, v. 3, p. 1-8, 2009.

CHENG Enfu, WANG Guijin, ZHU Zhukui. **The creation of value by living labour**: a normative and empirical study. Berlin: Canut Press International, 2019.

CPC CENTRAL COMMITTEE. **Proposals of the CPC Central Committee on formulating the Ninth Five-Year Plan for National Economic and Social Development and long-term goals for 2010**: adopted at the Fifth Plenary Session of the 14th CPC Central Committee on 18 September, 1995. [In Chinese.] Beijing: CPC Central Committee, 1995.

CPC CENTRAL COMMITTEE. **Decision of the CPC Central Committee on some major issues concerning comprehensively deepening the reform**: adopted at the Third Plenary Session of the 18th CPC Central Committee on 12 November, 2013. [In Chinese.] Beijing: CPC Central Committee, 2013. Disponível em: <www.gov.cn/zhengce/2013-11/15/content_5407874.htm>. Acesso em: 19 nov. 2024.

DENG, Xiaoping. Speech at the opening ceremony of the National Conference on Science (18 March, 1978). [In Chinese.] **Selected works of Deng Xiaoping**. Beijing: Renmin Chubanshe, 2008a. v. 2, p. 85-100.

_____. To build socialism we must first develop the productive forces (April-May, 1980). [In Chinese.] **Selected works of Deng Xiaoping**. Beijing: Renmin Chubanshe, 2008b. v. 2, p. 311-314.

DING Yuan. The institutional form of the socialist market economy should be the sublation of the traditional planned economy. [In Chinese.] **Journal of the Guangdong Mechanical Institute**, v. 9, p. 111-115, 1996.

- FANG, Jianguo. Major developments in the CPC's thinking on the economic livelihood of the people: deploying the method of Marxist philosophy as the main analytical approach. [In Chinese.] **Studies on Marxism**, v. 10, p. 58-67, 2014.
- FREEMAN, Alan. The 60-year downward trend of economic growth in the industrialized countries of the world. **The Japanese Political Economy**, v. 49, n. 1, p. 1-23, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/329194X.2023.2214594>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- GABRIELE, Alberto; Jabbour, Elias. **Socialist economic development in the 21st century: a century after the Bolshevik Revolution**. Abingdon: Routledge and Giappichelli, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.4324/9781003267355>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- GAO, Lili. Research on the path of the rectification and reform of enterprise criminal compliance. [In Chinese.] **Qilu Journal**, v. 5, p. 109-118, 2023.
- GU, Yumin. From a traditional planned economy to a socialist market economy with Chinese characteristics. [In Chinese.] **Studies on Marxist Theory in Higher Education**, v. 3, p. 65-71, 2019.
- HE, Qin. China's new era and the world: interview with Brazilian expert on China issues, Elias Jabbour. [In Chinese.] **World Socialism Studies**, v. 10, p. 29-40, 2020.
- HE, Yong. High quality party building stimulates the vitality of non-public enterprises. [In Chinese.] **Party Building**, n. 18, February, 2018. Disponível em: <www.dangjian.com/shouye/dangjiangongzuo/qiyedangjian/202202/t20220218_6298201.shtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- HEILMANN, Sebastian. **Red Swan: how unorthodox policy-making facilitated China's rise**. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong Press, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1353/book58915>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- HUANG, Nansen. The philosophical basis of the theory of the socialist market economy [In Chinese.] **Marxism and Reality**, v. 11, p. 1-6. 1994.
- JABBOUR, Elias; BOA NOVA, Vítor; VADELL, Javier. "O caminho chinês": desenvolvimento desigual, projeto e socialismo. **Cadernos Metrôpole**, v. 26, n. 59, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cm/a/JJNjcSKg3GSPQHW3Q8h8jnm/?lang=pt#>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- JABBOUR, Elias Marco Khalil; CAPOVILLA, Cristiano. Challenging Western Marxism: Socialism and "New Projectment" in Today's China. **World Marxist Review**, v. 2, n. 2, p. 1-24, 5 jul. 2024a. Disponível em: <<https://doi.org/10.62834/796ncs38>>. Acesso em 15 nov. 2024.
- _____. Pressupostos dialéticos acerca do socialismo e projeto na China de hoje. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 3, p. e281848, 2024b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8677647>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. The political economy of reforms and the present Chinese transition. [In Chinese.] Translated by Yang Xia. **Contemporary World and Socialism**, n. 3, p. 126-131, 2019.
- JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis; ESPÍNDOLA, Carlos. China and market socialism: a new socioeconomic formation. **International Critical Thought**, v. 11, n. 1, p. 20-36, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/21598282.2021.1886147>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis; ESPÍNDOLA, Carlos. On the Chinese socialist market economy and the "New Projectment Economy". **World Review of Political Economy**, v. 13, n. 4, p. 503-530, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.13169/worlrevpoliecon.13.4.0502>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- JABBOUR, Elias et al. The (New) Projectment Economy as a higher stage of development of the Chinese market socialist economy. **Journal of Contemporary Asia**, v. 53, n. 5, p. 767-88, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00472336.2023.2201825>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- JABBOUR, Elias; MOREIRA, Wallace. From the National System of Technological Innovation to the "New Projectment Economy" in China. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 43, n. 3, p. 543-563, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-31572023-3455>>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- JIN, Zhenglian. The modern evolution of the principle contradiction of Chinese society and the logical relationship with Xi Jinping's "new era". [In Chinese.] **Journal of Yancheng Institute of Technology**, Social Science Edition, v. 30, n. 4, p. 18-22, 2017.

LANGE, Oskar. On the economic theory of socialism: part one. **The Review of Economic Studies**, v. 4, n. 1, p. 53-71, 1936. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2967660>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

_____. On the economic theory of socialism: part two. **The Review of Economic Studies**, v. 4, n. 2, p. 123-142, 1937. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2967609>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

LAUESEN, Torkil. **The long transition towards socialism and the end of capitalism**. Leiden: Brill, 2024.

LÊNIN, Vladímir I. Filosofskie tetradi. In: _____. **Polnoe sobranie sochinenii**. Moscow: Izdatel'stvo politicheskoi literatury, 1973. v. 29.

_____. Philosophical notebooks. In: _____. **Collected works**. Moscow: Progress Publishers, 1968. v. 38.

_____. Zamechaniia na knigu N. I. Bukharina "Ekonomika perekhodnogo perioda". In: _____. **Leninskii sbornik**. Moscow: Institute of Marxism-Leninism, 1985. v. 40, p. 383-432

LI, Minsheng. The socialist market economy is the comprehensive transcendence and sublation of the capitalist market economy. [In Chinese.] **Red Flag Manuscripts**, v. 1, p. 19-23, 2018.

LI, Peng. **Report on the Ninth Five-Year Plan for National Economic and Social Development and an outline of long-term goals for 2010**: delivered at the Fourth Session of the Eighth National People's Congress on 5 March, 1996. [In Chinese.] Beijing: Renmin Ribao and Xinhua, 19 March, 1996.

LIAO, Xinwen. The transition from the institutional form of a planned economy to the institutional form of a socialist market economy: an exploration of Mao Zedong and Deng Xiaoping concerning the economic structure of China. [In Chinese.] **Literature of the Communist Party of China**, v. 6, p. 50-55, 2008.

LO, Dic. State-owned enterprises in Chinese economic transformation: institutional functionality and credibility in alternative perspectives. **Journal of Economic Issues**, v. 54, n. 3, p. 813-837, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00213624.2020.1791579>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

LOSURDO, Domenico. Wie der "westliche Marxismus" geboren wurde und gestorben ist. In: HAHN, Erich; HOLZ-MARKUN, Silvia (Ed.). **Die Lust am Widerspruch: Theorie der Dialektik, Dialektik der Theorie**. Berlin: Trafo, 2008. p. 35-60.

MAO, Zedong. Lectures on dialectical materialism. In: TAKEUCHI, Minoru (Ed.). **Mao Zedong works**. Tokyo: Sōsōsha, 1986. v. 5, p. 187-280.

_____. **Mao Zedong's annotations and commentaries on philosophy**. [In Chinese.] Beijing: Zhonggong Wenxian Chubanshe, 1988.

_____. On contradiction. [In Chinese.] In: _____. **Selected works of Mao Zedong**. Beijing: Renmin Chubanshe, 1991a. v. 1., p. 299-340.

_____. **On dialectical materialism**: writings on philosophy. Armonk: M.E. Sharpe, 1937.

_____. On practice. [In Chinese.] In: _____. **Selected works of Mao Zedong**. Beijing: Renmin Chubanshe, 1991b. v. 1, p. 282-298.

_____. On the correct handling of contradictions among the people (27 February, 1957). [In Chinese.] In: _____. **Selected works of Mao Zedong**. Beijing: Renmin Chubanshe, 2009. v. 7, p. 204-244.

_____. The new stage. [In Chinese.] In: _____. **Selected documents of the CPC Central Committee**. Beijing: Zhonggong Zhongyang Dangxiao Chubanshe, 1991. v. 11, p. 557-662.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifest der Kommunistischen Partei. In **Marx-Engels Werke**. Berlin: Dietz Verlag, 1974. v. 4, p. 459-493.

_____. The manifesto of the Communist Party. In: _____. **Marx and Engels collected works**. Moscow: Progress Publishers, 1976. v. 6, p. 477-519.

MISES, Ludwig von. **Socialism: an economic and sociological analysis**. London: Jonathan Cape, 1932.

MITIN, Mark B. (Ed.). **Outline of the new philosophy**. [In Chinese.] Translated by Siqi Ai and Yili Zheng. Shanghai: Dushu Shenghuo Chubanshe, 1936.

_____. et al. Dialekticheskii materializm. **Bolshaia Sovietskaia Entsiklopediia**, v. 22, p. 45-235, 1935.

MORE reforms to enhance SOEs' effectiveness, grow new pioneers. **China Daily**, January 18, 2023. Disponível em: <http://english.www.gov.cn/statecouncil/ministries/202301/18/content_WS63c75e6bc6d0a757729e5c4d.html>. Acesso em: 19 nov. 2024.

O GABINETE Geral do Comitê Central do PCC e o Gabinete Geral do Conselho de Estado emitiram os "Pareceres de Orientação sobre o Fortalecimento das Restrições de Activos e Responsabilidades nas Empresas Estatais". [Em chinês.] **Agência de Notícias Xinhua**, 13 set. 2018. Disponível em: <www.gov.cn/zhen-gce/2018-09/13/content_5321717.htm>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PENG Lixun. The philosophical basis of Deng Xiaoping's theory of a socialist market economy. [In Chinese.] **Academic Research**, v. 2, p. 11-16, 1994.

RANGEL, Ignácio. Elementos de economia do projeto (1959). In: _____. **Obras reunidas**, v. 1, p. 355-445. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ROBERTS, Michael. **The long depression: Marxism and the global crisis of capitalism**. Chicago: Haymarket, 2016.

SHIROKOV, I.; Iankovskii, R. (Ed.). **A course on dialectical materialism**. [In Chinese.] Translated by Li Da. Shanghai: Bigengtang shudian, 1932a.

_____. (Ed.). **A textbook of Marxist philosophy**. London: Victor Gollancz, 1937.

_____. (Ed.). **Materialisticheskaia dialektika**. Moscow: Partizdat, 1932b.

WANG, Yuyao. On the new contribution of Deng Xiaoping to the question of liberating and developing the productive forces. [In Chinese.] **Literature of the Communist Party of China**, v. 3, p. 49-55, 1995.

YANG, Jinhai. The historical significance of the combination of socialism and the market economy. **Science and Society**, v. 73, n. 2, p. 170-76, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1521/asis.2009.73.2.170>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

YU, Wenlie. The Chinese economic model and the basic characteristics of the Chinese model. [In Chinese.] **Social Science Research**, v. 1, p. 26-30, 2011.

ZHANG, Hui; ZHUANG, Zejun. On the philosophical basis of the socialist market economy. [In Chinese.] **Economy and Management**, v. 1, p. 3-7, 1994.

ZHANG, Xuekui. Three propositions in relation to the philosophical basis of the integration of a market economy and socialism: philosophical and economic reflections on 30 years of the reform and opening-up. [In Chinese.] **Social Science Research**, v. 3, p. 134-40, 2009.

ZHOU, Nan. Historical materialism: the philosophical basis of the political economy of socialism with Chinese characteristics. [In Chinese.] **Journal of Economics of the Shanghai School**, v. 15, n. 4, p. 22-30, 2017.

ZHOU, Zhishan; WANG, Xin. Elucidating the philosophical basis of the political economy of socialism with Chinese characteristics in the new era. [In Chinese.] **Journal of Zhejiang Normal University (Social Sciences)**, v. 44, n. 2, p. 36-43, 2019.